AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES

LATIN AMERICA: REFLECTIONS

Marcia Maria de Brito[1]

A "história local" de um sujeito social não é a mesma "história local" de outro, mesmo que ambos pertençam à mesma comunidade. (ACHUGAR, 2006, p. 28-29)

RESUMO: O artigo tem como escopo uma nova leitura crítico-cultural da América, com enfoque na América Latina e mais especificamente no Brasil. Procura-se analisar a importância da América no contexto histórico-cultural mundial desde as origens até os dias atuais. Na sequência, aborda-se a presença político-cultural da América Latina e por fim a relevância da participação do Brasil no cenário político-econômico-cultural do mundo, baseando-se em suas produções literárias voltadas a pensar o local a partir de sua diferença. Para tanto, o suporte teórico provém das leituras de *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura, de Hugo Achugar; *Teorías sín disciplina*: *latinoamericanismo, poscolonialidad y globalizacíon em debate,* de Santiago Castro-Gómez y Eduardo Mendieta; *Histórias locais/Projetos globais*: *colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar,* de Walter Mignolo; *babeLocal: lugares das miúdas culturas*, de Edgar Cezar Nolasco; *Cadernos de Estudos Culturais Comparados:* Estudos Culturais / Cultura Local / Subalternidade; *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local; de Edgar Cezar Nolasco dos Santos, Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.

Palavras-chave: América Latina; Local; Cultura; Literatura; Arte.

ABSTRACT: This article has its scope perform a new cultural critical reading of America, focusing on Latin America and more specifically on Brazil. Primarily we are going to analyze the America importance on the worldwide historical-cultural context since its own sources until the present day. Following we are going to work the political-cultural presence of Latin America and lastly the relevance of Brazil participation in the world political-economical-cultural scenario, from its own literary productions oriented to think the local from its own difference. For that, we are going to use as a theoretical support the following works: *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre

1 Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Especialista em Arte-Educação pela PUCMINAS; Publicitária pela UCDB – Universidade Católica Dom Bosco e Licenciada em Letras Português/Inglês pela Anhanguera/UNIDERP. Membro do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados da UFMS. E-mail:publicitariamarciabrito@gmail.com.

arte, cultura e literatura, de Hugo Achugar; *Teorías sín disciplina*: *latinoamericanismo, poscolonialidad y globalizacíon em debate,* de Santiago Castro-Gómez y Eduardo Mendieta; *Histórias locais/Projetos globais*: *colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar,* de Walter Mignolo; *babeLocal: lugares das miúdas culturas*, de Edgar Cézar Nolasco; *Cadernos de Estudos Culturais Comparados:* Estudos Culturais / Cultura Local / Subalternidade; *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local; de Edgar Cezar Nolasco dos Santos, Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.

Keywords: Latin America; Local; Culture; Literature; Art.

Terceiro mundo, Aldeia, países subdesenvolvidos, tantos são os nomes atribuídos à América Latina, que por vezes sua história acaba por ser esquecida e/ou incompleta, como as de Sherazade nos contos das Mil e uma Noites. Este artigo visa a propor reflexões sobre a América Latina, por meio da elaboração de uma série de textos - sendo este o primeiro - de estudos realizados por vários teóricos latinos e sul-mato-grossenses, como o intelectual Edgar Cézar Nolasco em seus textos "Crítica fora do eixo: onde fica o resto do mundo?", "Perto do Coração Selvagem da Crítica Fronteriza" e a sua obra *babeLocal:* lugares das miúdas culturas". Também dos estudos dos pesquisadores Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, no texto "Che retã: interculturalidade na fronteira Brasil-Paraguai" e Marcos Antônio Bessa-Oliveira nos textos "(In) *Conveniência da cultura:* percurso 'performático' do conceito da cultura para alegoria do nacional" e "Arte contemporânea: o *bios* como *performance* da produção brasileira", bem como do texto "Repensando a heterogeneidade latino-americana: a propósito de lugares, paisagens e territórios", do crítico uruguaio Hugo Achugar. Por fim, textos do grupo latino-americano de estudos pós-coloniais representados aqui pela obra "*Teorias sin disciplina:* latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debate", organizado por Santiago Castro-Gómez y Eduardo Mendieta.

A encantadora América Latina não mais aceita sua condição de submissão em relação ao gênero feminino da palavra. Ela almeja mais, e não apenas por uma questão dual de feminismo/machismo, mas pela simples razão de tratar com o mesmo respeito a todos que por aqui adentraram e adentram até hoje, seja pela terra, pela água ou pelo ar. No entanto, insisto em destacar a problemática das críticas pensadas no centro e aplicadas pelas margens, "como capaz de dar conta de compreender problemas específicos das produções e das culturas periféricas" (NOLASCO, 2011, p. 28), principalmente em relação à América do Sul, em especial o Brasil. Destaco aqui as duas possíveis reflexões quanto às críticas, pensadas pelo intelectual Edgar Cézar Nolasco, sendo a "crítica latino-americana (pensada nos Estados Unidos e quase sempre em inglês) e crítica latina (a realizada na América latina em espanhol)". (NOLASCO, 2011, p. 29) Diante desta receptividade colonial, alguns países da América do Sul encontram-se numa posição pós-colonial privilegiada em relação aos demais países do

mundo, nos aspectos econômico, político e social. Dentre eles destaco o Brasil, mais especificamente o estado de Mato Grosso do Sul, local em que fundamento minhas pesquisas e meu discurso.

Inicio a minha reflexão com o intelectual Edgar Cézar Nolasco, em seu texto "Crítica fora do eixo: onde fica o resto do mundo?". Este texto encontra-se nos Cadernos de Estudos Culturais, volume 3, número 6, que trata especificamente da Cultura Local latina. Os Cadernos de Estudos Culturais, classificados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) como Qualis B1, apresentam-se em série, todas elas com temáticas voltadas à reflexão de teorias e conceitos pós-coloniais. Neste texto, Nolasco expõe em discussão o papel dos críticos fronteiriços e marginais, que encontram-se "fora do eixo" brasileiro, e muitas vezes utilizam-se da "crítica do eixo", para ler suas produções locais, além de absorvê-las com tamanha passividade. E do intelectual que "[...] por pensar do/no centro, acha-se no direito de pensar por aquele que se encontra fora do eixo". (NOLASCO, 2011, p. 28) Entretanto, Nolasco acredita que os "*loci* de enunciação", por si só, não fazem a diferença na crítica, sendo de maior relevância "o local (territorialmente falando) de onde tal crítica (fora do eixo) é erigida" (NOLASCO, 2011, p. 29) e principalmente o local geohistórico da crítica fora do eixo.

A proposta crítica fora do eixo, de Edgar Cézar Nolasco, encontra-se preenchida por questões como fronteiras, margens, subalternidade, periferia, pós-colonialismo, pós-–colonialidade, e outros pós- mais de natureza pós-crítica, ou seja, passando assim a denominar-se segundo o estudioso de crítica pós-crítica. O intelectual propõe assim uma *episteme* crítica, que consistiria primeiro em dar conta de "traduzir" a crítica que vem do centro ou mesmo de fora de um país, interpretando-a de forma a pensar as especificidades da periferia, contrapondo a somente aplicá-las; e segundo afirmar sua posição como crítica fora do eixo, de maneira a marcar a sua posicionalidade intelectual para si e para o mundo.

O meu interesse aqui não é o de mediar ou afirmar conceitos, mas de colocá-los à prova, à exaustão, como uma melhor forma de se pensar a crítica pós-crítica das manifestações culturais latino-americanas, especialmente as sul-mato-grossenses fronteiriças e periféricas, como o *Toro Candil*, os cartazes do espaço Cultural Glauce Rocha e o Grupo Sarandi Pantaneiro, além das artes, da cultura e da literatura locais. Pois, "As teorias, as críticas, todas viajam e em todas as direções. O problema reside quando elas não são transculturadas, como acontece e vem acontecendo com a crítica do centro e de fora que aportam nesse lado da fronteira-sul". (NOLASCO, 2011, p. 38) Pois as sensibilidades ou as especificidades desse *locus*, "[...] deveriam orientar qualquer reflexão crítica, quer esta seja feita do eixo ou fora do eixo". (NOLASCO, 2011, p. 40)

Dando sequência à linha de pensamento fronteriço e periférico, trago mais um texto de Edgar Cézar Nolasco para ajudar na reflexão sobre a América Latina, intitulado, "Perto do coração selvagem da crítica Fronteriza". Este texto encontra-se

nos Cadernos de Estudos Culturais, volume 4, número 7, sobre Fronteiras Culturais. Neste segundo texto, o estudioso sinaliza que há tempos tornou-se impraticável falar de América Latina, mais especificamente de fronteira, sem trazer à tona a sua divisão conceitual no mundo. Sobre essa assertiva se posiciona Nolasco:

> Primeiro, Segundo e Terceiros mundos, centros e periferias, eixos e foras do eixo, fronteiras e não fronteiras se, por um lado, não interessam mais para a discussão crítica desta virada de século enquanto entidades, e não que tais entidades não tivessem existido, por outro lado, trazem no seu bojo a divisão conceitual delas no/do mundo que precisa, sim, ser discutida criticamente como forma, inclusive, de resolver parte das injustiças sociais, políticas e epistemológicas que ainda imperam no mundo global. (NOLASCO, 2012, p. 36)

Para Nolasco, os "descentramentos conceituais, a inserção da periferia, das margens, do subalterno, bem como a proposta de uma revisão teórico-crítica", foram a forma com que se iniciou "a proposta crítica articulada pelas epistemologias fronteiriças assentadas em *loci* geohistóricos culturais subalternos específicos". (NOLASCO, 2012, p. 36) Antes de seguir com o texto, julgo necessário dizer que, dentre as inúmeras definições – prefiro aqui tomar como conceito – de fronteira, encontram-se estas que Nolasco estava pensando no momento em que elaborou seu texto, "uma fronteira não tem dentro nem fora, nem lado de cá, nem de lá, confirmando, assim, sua natureza porosa" (NOLASCO, 2012, p. 37) e "[...] uma fronteira é uma relação intersticial por excelência". (NOLASCO, 2012, p. 37)

O estudioso propõe pensar a América Latina a partir do seu *locus* específico, o estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, cria o termo crítica selvagem ou *fronteriza* (fora da lei), com o propósito de esboçar uma reflexão em torno das especificidades periféricas, e "[...] diferentemente daquela pensada dos/pelos centros do país, *represente* melhor a condição de *ser e estar* do homem da região transfronteiriça".(NOLASCO, 2012, p. 39) Cabe salientar em relação à condição geográfica de Mato Grosso do sul, que encontra-se, "[...] situado ao sul da região Centro-Oeste do país, que, por sua vez, faz fronteira com os países Bolívia e Paraguai", (NOLASCO, 2012, p. 37) e que o próprio Estado, sem falsa modéstia, vem produzindo a melhor safra de críticos pós-coloniais dos últimos tempos das Américas, nas áreas da arte, da cultura e da literatura.

Nolasco afirma que a crítica selvagem, bárbara ou *fronteriza*, visa a "teorizar a margem", ou seja, propor "[...] uma reflexão que, sem desconsiderar a reflexão crítica feita nos centros, parte da experiência do sujeito (crítico) imbricado e das especificidades locais geoculturais e epistemológicas". (NOLASCO, 2012, p. 41) Assim, o crítico selvagem precisa ter mais que uma formação "teórico civilizada", precisa ter a experiência bárbara do sujeito que habita e vivencia a terceira margem da fronteira. Ainda segundo o estudioso, uma crítica selvagem seria aquela que permitisse o remapeamento das culturas e dos discursos acadêmicos, por meio dos quais o mundo foi mapeado e no qual também se modelou o discurso hegemônico e imperial que sobressaiu no mundo moderno.

Esses apontamentos me lembram a condição de sobrevivência cultural da manifestação sul-mato-grossense, *Toro Candil,* na cidade de Porto Murtinho. A ser trabalhado por mim num dos textos da série América Latina, a ser escrito mais a diante, em outro momento. E como forma de informar um pouco o que seria essa manifestação, digo que é de origem paraguaia, uma espécie de símbolo, a festança para Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do Paraguai, cuja festa dá-se todo 8 de dezembro, véspera do dia da santa. Assim, segundo Nolasco, os povos atravessadores - como os paraguaios - estão sempre trazendo de alguma forma a sua cultura para nosso lado. E ainda que, "[..] Em se tratando de países, povos e culturas fronteiriços, [...] sempre há influxos e refluxos, assim como os lugares, o território do lado de cá, [...] rebrasileira muita coisa alheia, também a fronteira move-se numa transfronteiridade sem fim". (NOLASCO, 2012, p. 43)

Segundo Nolasco,

> [...] a crítica *fronteriza* articulada das histórias locais tem o poder de barrar aqueles discursos críticos acadêmicos e científicos articulados nos grandes centros mais desenvolvidos em todos os sentidos (econômico, tecnológico, etc). Não é demais reconhecer que o homem da fronteira sul, ou melhor, o homem-fronteira, a exemplo dos brasiguaios, do andariego do pântano e do cerrado, do vaqueiro andarilho, do pantaneiro, do refugiado, do deserdado, do forasteiro, do sem-terra, entre outros sujeitos atravessados da região fronteira, demanda uma nova epistemologia (ou outra epistemologia) crítica visando que seu *locus* de movimentação (de não-lugar) seja compreedido em toda sua extensão e problematização. (NOLASCO, 2012, p. 45)

Insisto em remarcar aqui, talvez repetidamente em texto por mim escrito, o que o estudioso Edgar Cézar Nolasco pontua em relação à constituição do povo sul-mato-grossense, e que se encontra registrado em sua obra *babeLocal: lugares das miúdas culturas.* Assim explica Nolasco:

Podemos dizer que o Estado de Mato Grosso do Sul é um lugar de migrantes e de imigrantes, gentes de todos os lados, lugar de pousos, de passagens e de paradas permanentes. Uns deixam seu passado para trás; outros não. Uns trazem sua história na algibeira; outros não. Uns se despojam de sua história; outros morrem por ela. Uns saem em busca do que perderam; outros empurram o passado para o presente. Essa confusão babélica, de gentes, de línguas e de culturas, faz a diferença cultural que especifica a nação sul-mato-grossense. Esse lugar nasceu depois da invenção da aculturação. Aqui o lugar é o processo da transculturação por excelência. (NOLASCO, 2010, p. 14-15)

Quero destacar as características dessa obra, *babelocal: lugares das miúdas culturas,* ímpar para a cultura local latina e escrita por Edgar Cézar Nolasco. O livro foi editado pela Life Editora, em 2009, na cidade morena de Campo Grande no Mato Grosso do Sul. Possui 135 páginas e encontra-se dividido em três capítulos. Sendo eles, i) "Entre os Estudos Comparados e Culturais: uma questão de olhar", ii) "O direito ao grito da

subalternidade na América Latina" e iii) "Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?". A obra, segundo a pesquisadora e Mestre em Estudos de Linguagens, Giselda Paula Tedesco, da UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura, José Francisco Ferrari, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em seu texto de resenha intitulado "Entre balaios e porongos, guarâneas e rasqueados encontrei o meu não-lugar", fala para muitos e fala de muitas pessoas, "[...] fala de mim, de você, de nós, do outro, migrante ou não [...]". (FERRARI; TEDESCO, 2011, p. 195)

A linha de pensamento sobre a cultura local, segundo Nolasco, segue um caminho trilhado pelo ritmo do trem pantaneiro. Para o estudioso,

> A cultura local sul-mato-grossense, enquanto um arquivo em palimpsesto aberto para fora e para dentro ao mesmo tempo, de modo a sobreporem-se camadas sobre camadas culturais, põe o lugar e o não-lugar, num exercício de vórtice, numa maquinaria desejante de funcionamento onde um trabalha contra o outro. Enquanto o lugar-arquivo guarda, capitaliza, acumula, consigna, territorializa, prende-se à raz cultural em busca de uma *pertença* (cultura), de forma a nunca se apagar totalmente; o não-lugar, por sua vez, desterritorializa, não fixa raiz, é não-identitário, anti-relacional e a-histórico. Podemos dizer que, enquanto o lugar está enraizado à cultura local, à histór̀i, preso a uma memória ancestral, o não-lugar volta-se para o efêmero, o provisório, so movimentos voláteis de descontínuos. (NOLASCO, 2010, p. 16)

Finalizando a obra de Nolasco e encaminhado a minha proposta de reflexão propriamente dita - América Latina -, compactuo seu pensamento quando diz que, "É interessante observar que os lugares, principalmente os subalternos como a América Latina, estão sendo rediscutidos criticamente, redefinidos conceitualmente". (NOLASCO, 2010, p. 122-123) Para tanto o estudioso traz, entre outros críticos, Bella Josef exercitando o poder de repensar o lugar a América. Segundo Nolasco,

> Tal releitura é importante principalmente porque antes de se ler a América Latina, dar-se-á atenção especial às suas heterogeneidades culturais, lendo cada uma destas em suas diferenças. Aliás, deve-se tomar cuidado em leituras que visem à coletividade, porque podem lembrar uma certa homogeneização, uma certa hierarquização hegemônica, quando, na verdade, os lugares pedem ua leitura cada vez mais voltada para suas especificidades culturais. (NOLASCO, 2010, p. 123)

De maneira a ilustrar os pensamentos de Edgar Cézar Nolasco, quanto à América Latina, sua leitura e releitura, evoco a seguinte passagem de Bella Josef,

> A América Latina é o lugar em que mais do que nunca devemos considerar a cultura como elemento identificativo de uma nação, como instrumento de mudança e de elevação da qualidade de vida. É o lugar em que a questão da identidade tem a ver com o discurso, em que as categorias homogeneizadoras não anulam a especificidade, onde se resiste às descaracterizações para, ao selecionar suas matrizes regionais, conseguir construir linguagens originais e, através do discurso da modernidade, desmascarar as estruturas hegemônicas num processo desconstrutivo embebido em visões plurais. (JOSEF *apud* NOLASCO, 2010, p. 124)

Em se tratando das especificidades da fronteiriça, julgo indispensável citar também o intelectual Paulo Sérgio Nolasco do Santos, estudioso das questões da literatura e da cultura de fronteira. Em seus texto, Santos procura indicar características ímpares a cada escritor/poeta, sempre destacando o elo comum a todos eles, o seu *locus* de enunciação, ou seja, a fronteira, seca, imaginária, geográfica, entre Brasil e Paraguai, ou mesmo entre Brasil e Bolivia.

No texto "Um gosto de guavira: 'É bem Mato Grosso do Sul' - notas para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense", do livro *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*, Paulo Nolasco dos Santos traz à tona estudos realizados por seu projeto de pesquisa na época que trabalhava, sobretudo, no mapeamento da "região cultural" dos arredores do Pantanal sul-mato-grossense, recobrindo o Chaco paraguaio (região limítrofe do Brasil com o Paraguai). O intelectual detectou nas produções simbólicas "artes plásticas, língua / literatura, músicas, costumes / regionalismos, culinária, crendices / lendas, manifestações religiosas e folclóricas, etc.", (SANTOS, 2010, p. 21) características singulares tanto da vida quanto dos costumes da região fronteiriça com o Paraguai. Ainda segundo Santos,

> Os trânsitos e travessias que aí se fizeram resultam do dilema da representação cultural que constitui, a um só tempo e num só compasso, o daqueles que vivem do lado de cá, no Brasil, e os do lado de lá, no Paraguai, tomando-se aí apenas esses dois países, sem destacar ainda a Bolívia e a divisão territorial do próprio MT. [...] Significativo fato histórico-cultural da região diz respeito aos intercâmbios feitos, no início do século passado, entre os povos desta região fronteiriça, pois as viagens, o acesso e intercâmbio comercial eram mais frequentes com o Paraguai e não com o Leste ou centros brasileiros da época, aspecto conformador de um particular isolamento e de um destino marcado pelo cultivo e extração da erva-mate e por uma cultura e práticas socioculturais voltadas à criação das próprias produções simbólicas como a "guarânia", música que bem retrata a identidade e alma do povo da região, compartilhador de hábitos e causos nascedouros à sombra da erva-mate e da degustação do "tereré", bebida típica da região. (SANTOS, 2010, p. 21)

Já em "Che retã: interculturalidade na fronteira Brasil-Paraguai", o estudioso Paulo dos Santos traz a particularidade e a importância da terra, da casa, do país, da fronteira, do chão cultural tanto para o brasileiro, quanto para o brasiguaio, representados pelo termo "passagens". As marcas deste termo segundo o estudioso podem ser sutilmente percebidas através dos processos interliterários na fronteira Brasil-Paraguai. Santos trabalha em seu texto com fragmentos de obras de vários escritores e poetas fronteiriços, como Brígido Ibanhes, Douglas Diegues, Helio Serejo, para dizer que, " [...] a 'passagem', como possibilidade de atravessamento das fronteiras, reagrupa sentidos de transição, mediação e elos de intermediação fronteiriços [...]". (SANTOS, 2011, p. 152)

Santos retoma a ilustração de Torres-García, de um mapa da América Latina invertido, para reformular a visão de que " [...] o sul da América não seja visto apenas como um chão de riquezas naturais a serem explorados, mas como um assíduo

produtor de cultura, proveniente de um terreno fértil de hibridações, mestiçagens e fronteiras simbólicas". (SANTOS, 2011, p. 154-155) Em sequência à visada teórico-crítica, de Paulo Nolasco dos Santos, evoco capítulo intitulado "Literatura", de *Arte, Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul: por uma conceituação da identidade local.* Neste capítulo, Santos abre um leque de perspectivas sobre a identidade cultural local, inclusive a literatura fronteiriça, explorando obras de autores como Hélio Serejo, Hernâni Donato e Lobivar Matos.

Sobre os autores abordados por Santos, satisfaz-me descrevê-los da seguinte maneira: Hélio Serejo é um escritor da região fronteiriça, sua vasta obra retrata minuciosamente as características do chão, das árvores, da erva-mate, dos pássaros, da tropa, da boiada, ou seja, do (s) *persona*(gens) das fronteiras do Mato Grosso do Sul; Hernâni Donato, é um escritor sul-mato-grossense de coração, grande romancista brasileiro, que trabalha o drama nos ervais na região Centro-Sul de Mato Grosso do Sul; teve três de suas obras adaptadas para o cinema: *Selva trágica*, *Caçador de esmeraldas* e *Chão bruto*. Lobivar Matos, tido como "o poeta desconhecido", caracteriza em sua escrita retrata poemática a dura realidade de um povo humilde e suburbano, também as músicas e costumes, tendo como *locus* de enunciação a sua cidade natal, Corumbá, divisa com a Bolívia, também no Mato Grosso do Sul. Como o próprio título deste artigo demanda "reflexões", minha proposta acerca da América Latina continua, e agora caminha para o campo das Artes, mais especificamente Mato Grosso do Sul, estado do Centro-Oeste brasileiro, com o professor, pesquisador em Artes, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, um sul-mato-grossense por opção.

O pesquisador Marcos Antônio Bessa-Oliveira, também em capítulo de *Arte, Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul: por uma conceituação da identidade local*, cria o conceito de "geovisualocalizar". Para o pesquisador, o conceito volta-se para uma reflexão desde a formação do profissional de artes, chegando à criação propriamente dita, sempre levando em consideração aspectos para além dos geográficos, como os culturais, históricos, econômicos e os sociais. Segundo Bessa-Oliveira, pensar nas artes em Mato Grosso do Sul demanda ir além de uma região limítrofe de fronteira, pois, "[...] é a diferença de olhares que o artista supostamente deve fazer sobre os *geolugares* para onde insiste olhar que devem ser modificadores". (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 146) Ainda, segundo Bessa-–Oliveira,

> **Geovisualocalizar** = é localizar visualmente um espaço artístico-cultural geográfico em um determinado lugar *geovisualocal* cultural cuja noção de espaço local tenha, necessariamente, nenhuma relação com um suposto lugar universal. Ou seja, há um lugar particular no universal que é universalmente particular pelo seu *geovisual*. (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 113)

Segundo o pesquisador, os conceitos tradicionais já não conseguem dar conta de ler as produções locais e devem ser descontruídos, ao modo derridaiano, revistos a partir do seu *locus* cultural. Bessa-Oliveira levanta mais um questionamento em seu

texto: "é a relação da atual produção artística com o conceitual que a define como obra de arte" ou "fica a cargo dos discursos validadores o que hoje é designado como obra de arte?" (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 87) O pesquisador levanta essas discussões baseado em sua observação das exposições realizadas na época de sua escrita, e que abandonaram o pictural e seguiram com o conceitual. Ainda segundo o autor, o problema não está na arte conceitual propriamente dita, mas em qual conceito dessa arte.

A América Latina, para o pesquisador, representa um grande mosaico feito por partes menores. Pensando por este prisma, Mato Grosso do Sul, é um mosaico, constituído pelos "povos indígenas, negros, paraguaios, bolivianos, brasiguaios, *brasianos*, paulistas, mineiros, paranaenses". (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 80) Resultando desta forma, numa *cultura grileira*,[2] uma produção *geovisual* bem *diferente*, tornando-se original e única. Para Bessa-–Oliveira, a arte sul-mato-grossense não é apenas sul-mato-grossense porque faz uso da pictografia de sua flora e fauna, mas porque ela não se coloca nem "menos" nem "mais" que uma produção artística de outro lugar qualquer do Mundo. A arte sul-mato--grossense simplesmente se contextualiza por meio da sua diferença cultural e fronteiriça.

Assim, segundo Bessa-Oliveira "A produção artístico-cultural e crítico-cultural na América Latina precisam ater-se para as diferenças culturais dessa ilimitada região". (p. 81) O artista *geovisualocalizador,* segundo o pesquisador, "pode, [...] captar uma unidade plural móvel na construção de um significado do seu lugar particular. Dando, [...], uma singularidade latina das variadas práticas - artístico ou crítico - culturais do lugar [...]".(p. 81) Segundo Bessa-Oliveira,

> O contato ou enamoramento entre culturas já é fato consumado. Resta-nos gerar os filhos que nascem todos os dias. Dentro e fora do inventado território latino, primeiro geram culturas latino-americanas; dentro da América do Norte geram, forçosamente, *hispano-latinos, indolatinos, blacklainos*; no "Velho Continente" hegemônico criam-se guetos latinos: franco-latinos - no colonizador e nos colonizados - caribenho-latinos, *afrolatinos*. O mundo se tornou latino-americano para os etnocêntricos. São latinos de toda sorte em todos os lugares. (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 82)

É como forma de realizar um possível fechamento da discussão sobre a arte sul--mato-–grossense e propondo a abertura para uma nova, que o pesquisador Marcos Antônio Bessa-–Oliveira traz a "manifestação cultural do povo", a brincadeira do *Toro Candil*, como ele mesmo o caracteriza num primeiro momento, para ilustrar a ampla discussão realizada na época de sua escrita. Para o autor, "[...] a despeito de sua difusão 'nacional', a 'manifestação cultural do povo' *Toro Candil* é histórica e culturalmente espanhola, paraguaia e porto-–murtinhense [...]".(BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 104)

Neste momento, quero situar o leitor a respeito do *Toro Candil* à que o pesquisador se refere. Ambas as manifestações culturais *Toro Candil*, são distintas da cidade de Porto Murtinho no Mato Grosso do Sul; uma recriada pela prefeitura de Porto Murtinho, baseada na festa dos bois de Parintins e na festa do Paraguai; e a outra que

[2] C.F. Termo utilizado por Edgar Cézar Nolasco, em seu ensaio intitulado Contrabando Cultural, para designar este tipo de mobilidade cultural.

não tem cunho comercial e sim religioso e afetivo, que é a Brincadeira do *Toro Candil* de Dona Dionizia (mais conhecida como Dona Noni), originária do Paraguai e de uma promessa feita por sua mãe na ocasião de sua mudança definitiva para o Brasil. Não pretendo me ater aqui em detalhes sobre a Brincadeira do Toro Candil, pois como disse no início, ela fará parte da série de textos que serão por mim elaborados, com o propósito de uma reflexão também sobre esta manifestação, tão próxima e tão intensamente impregnada, tanto na cultura latina quanto na sul-mato-grossense, e já pesquisada por Giselda Paula Tedesco.

Assim explica o pesquisador Bessa-Oliveira:

> Enquanto o *Toro Candil* de Dona Noni - que detêm a "carcaça" e a memória cultural do *Toro* - que vivia em mãos privadas, as dela - os "Touros" de Porto Murtinho-MS foram transformados em bens públicos e institucionalizados por um desejo e ideal político-partidário. Por conseguinte, o *Toro Candil* da senhora brasiguaia passa de um conceito de *performance* sociocultural para uma representação carnavalizada da *cultura local* de Mato Grosso do Sul.. E é a partir disso que afirmo que os conceitos foram e são literalmente aplicados à avessas nas produções artístico-culturais em Mato Grosso do Sul, principalmente aquelas em que o poder público é detentor de sua (re)apresentação. (BESSA-OLIVEIRA, 2011, p. 112)

A partir deste breve histórico sócio-cultural do estado de Mato Grosso do Sul, vale ressaltar, também, que suas manifestações culturais passam por um processo de transculturação constante, que muitas vezes passam despercebidos pelos nossos olhos, como é o caso do *Toro Candil* (pesquisa realizada por Giselda Paula Tedesco), que acabo de mencionar de forma breve, da música e da dança do Grupo Sarandi Pantaneiro (pesquisa realizada por José Francisco Ferrari) e dos cartazes do espaço cultural Glauce Rocha (pesquisa realizada por mim). Em seguimento, evoco ainda o texto do crítico uruguaio Hugo Achugar, "Repensando a heterogeneidade latino-americana: a propósito de lugares, paisagens e territórios", publicado em *Planetas em boca*: *escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. O texto traz, em suas vinte páginas, propostas de reflexões sobre a questão geopolítica e cultural da América Latina, seus gostos, costumes, povos e suas fronteiras. E serve ao nosso propósito de pensar a América Latina, a partir de um olhar uruguaio. Achugar divide seu texto em quatro partes, intituladas "Mundo e Aldeia", "Repensando a heterogeneidade", "Começando pela paisagem de nossa periferia", "E continuando sobre a nossa eventual exclusividade: território e 'desterritório'". Essa divisão, em determinados momentos de sua escrita, metaforiza a própria constituição geográfica da América Latina, híbrida, mestiça e fronteiriça.

Em "Mundo e Aldeia", o intelectual traça um breve relato histórico da condição política, econômica, social e cultural da América Latina em relação aos demais continentes do Mundo. Cita o surgimento de novas paisagens como a tecnológica e a política, e principalmente a transformação das comunicações como fator de mudança de tempo e espaço, dentro da América Latina, e sobretudo da América Latina em relação à Europa e ao resto do Mundo.

Segundo o estudioso, as transformações, provenientes da telematização e da globalização, reafirmam estereótipos na representação cultural e política do *outro*, seja ele da aldeia, do centro ou da periferia. Também, no texto, algumas questões sobre identidade são destacadas, como a existência da influência das mudanças tecnológicas dos meios de comunicação na produção das identidades locais, da contribuição da globalização na construção de uma identidade única e global e a negação dessa mesma identidade única e global pelas identidades múltiplas, flutuantes e migratórias.

Para Achugar, todas essas transformações não foram capazes de aniquilar o aldeão vaidoso de José Martí, ele continuou a existir, mesmo possuindo ou não antenas parabólicas, e todas as outras maravilhas tecnológicas e telemáticas que fazem parte do processo de globalização do cidadão, seja ele latino, do Mercosul, do Pacto Andino ou do Nafta. Dessa perspectiva, o autor destaca outros lugares e outras fronteiras não identificáveis com o processo tecnológico, mas que sobrevivem ainda em meio ao avanço telemático. Achugar mostra que o poder planetário indiscriminado da globalização bate de frente com países nos quais a cultura e seus governantes ainda têm certas resistências ao processo. Para tanto, o autor cita Babel como uma multiplicidade de coisas possíveis a acontecer e suas múltiplas faces, e afirma que, dentre outras coisas, "a decisão depende de quem fala e, sobretudo, a partir de onde se fala" (ACHUGAR, 2006, p. 85), ou seja, são "lugares/problemas" dos quais é preciso pensar o presente.

Hugo Achugar menciona a intelectual chilena, Nelly Richard, sua companheira no grupo dos estudiosos das teorias pós-coloniais latino-americanas (Eduardo Mendieta, Santiago Castro-Gómez, Walter Mignolo, Alberto Moreiras, Ileana Rodríguez, Fernando Coronil, Erna Von der Walde, Mabel Moraña, Nelly Richard e Hugo Achugar) e também uma das autoras da obra *Teorías sin disciplina*: *latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debate*, para mostrar que o passado pode ser também "um lugar/problema a partir do qual se assinala os vazios das histórias oficiais e também os problemas de uma resistência potencialmente desativadora". (ACHUGAR, 2006, p. 88) Vale lembrar que Nelly Richard foi editora e proprietária da *Revista de Crítica Cultural*, na década de 90. A Revista tinha como objetivo lançar debates e questionamentos sobre a condição política, econômica e cultural da América, em especial da América Latina. Dentre os autores que passaram pela revista estão John Beverley, Jacques Derrida, Mabel Moraná, além da própria editora. Quanto à obra *Teorías sin disciplina*: *latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debate,* vale destacar o texto de Nelly Richard, "Intersectando latinoamerica con el latinoamericanismo: discurso academico y critica cultural". Neste texto, a autora explica que:

> El tema del Latinoamericanismo repone en escena la tensión entre lo global y lo local, lo central y lo periférico, lo dominante y lo subordinado, lo colonizador y lo colonizado, esta vez articulado por la academia como máquina de producción y validación internacionales de la teoría poscolonial, que, entre otras funciones, "mediatiza el intercambio de mercancía cultural del capitalismo global en zonas periféricas". (RICHARD *apud* CASTRO-GÓMEZ; MENDIETA, 1998)

Richard lança um questionamento de como seria o cenário hoje - na época em que foi escrito o seu texto - em que se debatia o latino-americanismo. E propõe uma resposta,

> Un escenario marcado por la insidiosa complejidad de esta nueva articulación postcolonial hecha de poderes intermediarios que transitan entre la centralidad descentrada de la metrópolis, po un lado, y la resignación cultural de la periferia, conflictivamente agenciada por la teoría metropolitana de la subalternidad.

A crítica Nelly Richard continua sua indagação, agora sobre o papel dos Estudos Culturais dentro do latino-americanismo, afirmando que,

> La "crítica de la crítica" a la que los Estudios Culturales deberían someter su programa de reorganización del saber académico, requiere que muchas de las palabras hoy destinadas a conecptualizar el otro y lo otro (marginalidad, descentramiento, heterogeneidad, diferencia, hibridez) mantengan disponibles no sólo su potencial de articulacíon flexible, sino tambíen su fuerza más revoltosa, su indisciplina de lengua multiacentuada por variaciones que desajustan el resumen planificador de la academia metropolitana. Aplicado al campo del Latinoamericanismo, el recurso para matener viva esta fuerza de accidentalidad del concepto - la única capaz de respetar lo precario y discontinuo de formaciones culturales en constante ruptura de planos y desfasajes de series - podría tener que ver con lo que Alberto Moreiras llamó "una crítica de objeto tenue" [...].

Retomando o texto de Hugo Achugar, ainda em relação aos estudiosos das teorias pós-coloniais, podemos citar Walter Mignolo e seus "quatro projetos críticos de superação da modernidade" (ACHUGAR, 2006, p. 28) (pós-moderno, pós-colonial, pós-oriental e o pós-ocidental). Mignolo, em *Histórias locais/Projetos globais*: *colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar,* trava um diálogo intenso com as relações dos pós-, com o povo latino-americano e com o mundo. Destaca-se nesta obra o conceito de subalternidade, hoje muito bem trabalhado em esfera mundial pela intelectual indiana Gayatry Chakravorty Spivak, principalmente em *Pode o subalterno falar?*, e na América Latina por vários estudiosos, como John Beverley, em *Subalternidad y Representacion*, e no Brasil, em especial no estado do Mato Grosso do Sul, por Edgar Cézar Nolasco, em várias publicações, dentre elas: *babeLocal: lugares das miúdas culturas* e no ensaio "BUGRES *subalternus*", publicado em Cadernos de Estudos Culturais, do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados, da UFMS.

Em "Repensando a heterogeneidade", Hugo Achugar afirma que, a heterogeneidade é condição *sine qua non* para a análise da cultura latino-americana, desde o passado até os tempos atuais. O estudioso refere que, em torno da heterogeneidade orbitam várias noções, dentre elas "de sincretismo, mestiçagem, transculturação, hibridação" (ACHUGAR, 2006, p. 88), e mais recentemente a pós-modernidade periférica ou pós-modernidade latino-americana.

Em "Começando pela paisagem de nossa periferia", o autor explora intensivamente o conceito de periferia, desde a noção etimológica da palavra, perpassando por

questionamentos como "o centro também tem suas periferias" (ACHUGAR, 2006, p. 90), mostrando que o centro não é, e não consegue ser, de forma alguma homogêneo. Assim, seguindo a lógica de pensamento, não existiria mais nem centro, nem periferia. Nesse sentido, tanto a periferia quanto o centro estariam atravessados por condições similares socioeconômicas e problemáticas de "gênero, raça e orientação sexual" (p. 92), de ambos os lados e em ambas as intensidades. Achugar afirma que há "periferias da periferia".(p. 92) Para o estudioso, "olhar de fora serve; olhar de dentro, também. O que não serve é olhar só de fora ou só a partir da região". (p. 93) O intelectual fala do discurso da periferia e do metropolitano, onde ambos são caracterizados pelo local de onde se enuncia, sendo que o metropolitano acredita que o discurso não existe em outro lugar além do seu. Dessa forma, o metropolitano "sempre costuma saber mais e melhor o que é bom para o periférico". (p. 93) Essa relação centro *versus* periferia ilustra muito bem a relação do dito Primeiro Mundo com o Terceiro, ou seja, a América Latina, e está muito presente no interior da América, em questões como o Mercosul, Nafta, São Paulo, Buenos Aires.

Na última parte do texto, "E continuando sobre nossa eventual exclusividade: território e 'desterritório'", Hugo Achugar ensaia uma finalização para a discussão, abrindo para várias indagações que ainda contemplam o universo da América Latina, como centro/periferia, homogeneização cultural/heterogeneização cultural, desterritorialização. E é justamente essa última que consta em destaque nos debates atuais. Segundo Arjun Appadurai, "os meios de comunicação criam um sentido de 'não lugar'" (*apud,* ACHUGAR, 2006, p. 95), fazendo com que essa sensação de desterritorialização, na América Latina, fique mais intensa e evidente. Para Appadurai, tudo se resolveria em "um novo espaço – a rigor, um não espaço, um não território – que dissolveria o regional no planetário global; em um novo ordenamento social e econômico que dissolveria a correspondência de desigualdades e assimetrias". (p. 96)

No entanto, Hugo Achugar não se dá por satisfeito e tampouco proclama ser completamente verdadeiras as assertivas de Arjun Appadurai, principalmente em relação à América Latina, que carrega os seus despojos árduos do passado. Para Achugar, o intelectual Appadurai peca ao deixar de lado "o peso que memórias, tradições [...] na configuração de uma paisagem que tem a ver, também com a identidade; algo assim como uma 'memória-paisagem' ou 'monumento-paisagem'" (p. 96) Ao contrário da estudiosa Nelly Richard, que aponta como relevante na América Latina "a luta pelo passado e a memória". (p. 96) O intelectual uruguaio propõe uma redefinição da relação homogeneidade e heterogeneidade para a nossa América, tanto dentro como fora dos termos "centro/periferia, global/local, mundo/aldeia". (p. 97) Para Achugar, existe uma tensão que flutua entre o que é próprio e o que é alheio a nós latino-americanos. O crítico finaliza o texto explicando mais uma vez que, o problema também permanece no esquecimento de pensarmos na América Latina de forma heterogênea, e trabalhar todas as reflexões tomando como base a mistura que existe nela. Vale ressaltar que essa característica não é exclusiva da América, e encontra-se também em grande

parte do Mundo. Com isso o intelectual uruguaio propõe criar uma suposta releitura de tudo o que foi exposto até agora, com o propósito de pensar a América Latina a partir da diferença que a constitui, suas comunidades, espaços, migrações de seus povos, política e sua cultura. Além de afirmar a ideia de que a pós-modernidade é e tem sido um fenômeno característico e tradicional da América Latina, ao qual não se pode negar, fugir ou omitir, mas simplesmente conviver como bons amigos, tal qual a amizade pensada pelo filósofo Jacques Derrida, ou seja, política.

À guisa de considerações finais, me flagro pensando como seria pensar as especificidades da América Latina depois de tantos conflitos bélicos, catástrofes naturais, desastres, como o ataque às torres gêmeas no 11 de setembro, como seria? Qual seria a visão de um crítico latino sul-mato-grossense? Talvez eu consiga obter uma significativa resposta na série de textos que estão por vir, ou não. No momento, contento-me apenas em refletir sobre esses questionamentos.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. (Humanitas).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. "ARTE". In: NOLASCO, Edgar Cézar; BESSA-–OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio dos. *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul* - por uma conceituação da identidade local. Campo Grande: Life Editora, 2011, p. 67-128.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. *Teorias sin disciplina*: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: Miguel Angel Porruá, 1998.

FERRARI, José Francisco; TEDESCO, Giselda Paula; "Entre balaios e porongos, guarâneas e rasqueados encontrei o meu não-lugar". In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Cultura Local v. 3. n. 6. Campo Grande: Editora UFMS, 2011, p. 191-195.

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/Projetos globais:colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

NOLASCO, Edgar Cézar. *babeLocal:* lugares das miúdas culturas. Campo Grande: Life Editora, 2010.

NOLASCO, Edgar Cézar. "CRÍTICA FORA DO EIXO: onde fica o *resto do mundo*?". In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Cultura Local v. 3. n. 6. Campo Grande: Editora UFMS, 2011, p. 27-41.

NOLASCO, Edgar Cézar. "PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM da crítica FRON-

TERIZA". In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: fronteiras culturais v. 4. n. 7. Campo Grande: Editora UFMS, 2012, p. 35-51.

SANTOS, Paulo Sérgio dos. *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. Dourados: Editora Seriema, 2010.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. "Che Retá": interculturalidade na fronteira Brasil--Paraguai. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Cultura Local v. 3. n. 6. Campo Grande: Editora UFMS, 2011, p. 143-157.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. "LITERATURA". In: NOLASCO, Edgar Cézar; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio dos. *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul* - por uma conceituação da identidade local. Campo Grande: Life Editora, 2011, p. 13-66.